

---

# RELIGIOSIDADES E ESPIRITUALIDADES EM EXPRESSÕES CULTURAIS AFRO- BRASILEIRAS DE ORIGEM BANTO EM GOIÁS

---

Natália Julia Lima<sup>1</sup>

Mary Anne Vieira Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo visa compreender a preservação e adaptação dos elementos das crenças e rituais bantos ao contexto brasileiro, com foco especial em Goiás. Busca-se revelar os hibridismos religiosos e nuances presentes nessas tradições culturais ao longo do tempo. A pesquisa emprega uma metodologia que se baseia na análise de bibliografias especializadas sobre as manifestações do Jongo e da congada, bem como na análise de entrevistas provenientes de trabalhos acadêmicos que abordam essas expressões culturais. Além de explorar as características gerais das crenças e religiosidade banto, a investigação concentra-se nas trajetórias históricas individuais do Jongo e da congada. Este enfoque permite reconhecer as particularidades de cada manifestação e compreender de que maneira contribuíram para a construção da identidade cultural afro-brasileira em Goiás.

**Palavras-chave:** Jongo; Congada; Banto; Religiosidade.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) (2013). Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) (2001). Graduada em Geografia (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

### 1. Introdução

Esta pesquisa busca compreender a preservação e adaptação dos elementos das crenças e rituais bantos ao contexto brasileiro, especialmente em Goiás, destacando os hibridismos religiosos presentes nessas tradições culturais ao longo do tempo. O estudo se propõe a analisar as trajetórias históricas individuais do Jongo e da congada, através de análise de bibliografias e anteriores, e leitura de entrevistas, reconhecendo suas particularidades e contribuições para a construção da identidade afro-brasileira em Goiás. Autores como Nei Lopes e Eric Hobsbawm são referenciados para embasar a pesquisa.

Destaca-se o interesse em explorar como a religiosidade banto influencia as expressões culturais afro-brasileiras em Goiás, particularmente no Jongo e na congada. A designação "banto" é atribuída a grupos étnicos africanos com afinidades linguísticas e culturais. A dispersão dos povos bantos e a "Expansão Bantu" são contextualizadas historicamente.

O estudo aborda a preservação da ancestralidade entre os povos bantos, destacando sua influência nas manifestações culturais como música, dança e cerimônias tradicionais. Ao analisar o Jongo, percebe-se sua importância como meio de comunicação entre os escravizados, enquanto a congada representa uma expressão mais política e associada à catequização portuguesa. Marta Abreu e Ricardo Moreno de Melo contribuem para a compreensão das manifestações culturais afro-brasileiras como formas de resistência e preservação da identidade.

Considera-se a complexidade da compreensão externa dessas expressões culturais e destaca o desafio de interpretar o verdadeiro significado do Jongo e da congada para aqueles que as praticam. A resistência cultural e espiritual dos afrodescendentes é evidente nessas manifestações, que continuam a desafiar estereótipos e preservar a herança africana no Brasil.

## 2. Influências Banto nas Expressões Culturais Afro-Brasileiras em Goiás: O Jongo e a Congada

A designação "banto" ou "bantu" é atribuída a grupos étnicos que abrangem várias etnias, conforme definido por Nei Lopes (2021), com base em afinidades linguísticas e culturais. Esses grupos estão localizados nas atuais regiões da África Central, Centro-Occidental, Austral e parte da África Oriental. A dispersão dos povos bantos em diversas áreas da África e a formação de nações resultaram no processo histórico conhecido como a "Expansão Bantu", que teve início por volta de 3500 a.C.

No Brasil, aqueles que vieram da porção Centro-Occidental do continente africano constituíram a maioria dos africanos trazidos como escravos. A preservação da ancestralidade é uma característica notável entre os povos banto, através de mitos e narrativas compartilhadas sobre suas origens e movimentos migratórios. Essas histórias contribuíram para as identidades culturais desses grupos, através da música, dança, arte e cerimônias tradicionais, e a religiosidade e a espiritualidade é inerente a esse processo.

A moldagem do indivíduo dentro do sistema escravista oferecia algumas oportunidades de expressão, sem impedir as possibilidades de envolvimento político por meio de outras vias e sem limitar a reestruturação de sua cultura original. A ideia de que os africanos foram compelidos a integrar-se nas sociedades e que essa associação teria levado a uma perda generalizada da cultura africana nas Américas não se sustenta em uma análise mais minuciosa, conforme argumenta Da Silveira (2008, p. 265).

Os primeiros cativos desembarcaram em Salvador, na Bahia, obrigados a trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar no Nordeste. Com a expansão da indústria açucareira a partir da década de 1570, a região Nordeste começou a receber um contingente crescente de escravizados, principalmente oriundos do Reino do Congo, do Dongo e de Benguela (LOPES, 2021, p. 65). Durante o ciclo do ouro no Brasil, que teve início no século XVIII, ocorreu uma alteração no centro do tráfico de escravos, deslocando-se para a região do Golfo da Guiné.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

Essa mudança foi impulsionada pela crença de que os habitantes locais possuíam uma expertise maior na atividade mineradora (LOPES, 2021, p. 68), resultando na modificação dos principais pontos de desembarque de escravos no Brasil para áreas como o litoral sul do atual estado do Rio de Janeiro e o norte do atual estado de São Paulo.

Atravé desses dados, entende-se que houve uma grande concentração dos povos de origem banto na região sudeste do Brasil. Segundo Fourshey, Gonzales e Saidi (2019), os falantes proto-Bantu fundamentavam suas identidades, segurança e visões de mundo nas linhagens às quais pertenciam. Para essas comunidades, a linhagem era uma entidade que abrangia tanto os descendentes vivos quanto os mortos, incluindo até mesmo aqueles que ainda estavam por nascer. Todos esses indivíduos rastreavam suas origens até um antepassado comum que vivera várias gerações antes. Enquanto suas comunidades se expandiam para novos territórios e se desenvolviam em termos econômicos, políticos, ambientais e sociais, as linhagens persistiam como as estruturas que definiam e organizavam a comunidade, além de transmitir valores fundamentais.

Devemos destacar que a organização das nações Banto no território africano era altamente diversificada e podia variar consideravelmente dependendo do contexto histórico, geográfico e cultural. Portanto, não existe um único modelo de organização que se aplique a todas essas nações. O que se pode identificar é uma forte noção de pertencimento entre esses povos, onde as comunidades se reconheciam e estabeleciam laços entre si e com os ancestrais.

A ancestralidade é destacada como característica proeminente entre os povos de língua banto, manifestando-se em mitos e narrativas compartilhadas sobre suas origens e migrações. Essas histórias representaram a construção das identidades culturais desses povos. Além disso, a expressão da herança comum é frequentemente observada em manifestações culturais como música, dança, arte e cerimônias tradicionais. Festas e cerimônias, por exemplo, tornam-se formas importantes de celebrar e preservar a rica herança cultural e tradições banto. Durante esses eventos, danças, músicas, trajes tradicionais e outros

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

elementos culturais são apresentados, e cerimônias e rituais são comuns para marcar diversas etapas da vida do indivíduo.

Apesar das mudanças que ocorreram nessas comunidades e em meio a diversos processos diaspóricos, principalmente da África para a América, o conceito de pertencimento à linhagem, relacionado à descendência e conexão com antepassados, manteve-se fundamental na organização social, conforme argumentado por Fourshey, Gonzales e Saidi (2019).

A história do Congo, de acordo com Vainfas e Souza (1998), foi marcada pelo processo de catolização a partir do século XVI. Os autores citam que, a monarquia congoleza foi modelada de acordo com a estrutura lusitana, uma réplica do sistema português, o que está intrinsecamente ligado às complexas relações entre ela e o Estado português, ou no “aportuguesamento” de instituições sociais e políticas. Essa dinâmica estava relacionada aos interesses do tráfico atlântico, ainda segundo os autores. Nessa respectiva alteridade sobre esses povos da região do Congo molda uma nova carga cultural atribuída aos valores sociais, éticos e políticos vinculados ao longo do tempo pelo sistema português.

Em contrapartida, podemos encontrar expressões culturais que conduzem outros processos de hibridização cultural, como o Jongo. A ancestralidade para os povos banto, assim como na maioria das etnias africanas, é elevada ao nível cultural e espiritual desses povos. Para eles, não se difere o que é vida espiritual e religião, diferente da concepção ocidental europeia, de que o culto é destinado a momentos específicos da vida social, na vivência banto, a espiritualidade está ligada a vida de uma forma geral.

Na percepção de Gonçalves e Ribeiro (2022), o Jongo emerge como uma ferramenta para preservar a sabedoria dos antepassados africanos. Essa manifestação cultural não apenas estabelece uma conexão entre Brasil, Angola e todo o território que compunha o antigo Reino do Congo, mas também atua como vínculo essencial na preservação da herança. Para os autores “A construção de repertórios culturais próprios para criação das canções entoadas

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

na prática de Jongo tem como fundamento tanto as heranças históricas dos banto quanto as condições diaspóricas às quais foram submetidos”.

Ao analisar a expressão de religiosidade, Hall (2008) observou que as divindades africanas foram reinterpretadas nos santos católicos em alguns casos como uma estratégia para aproximar as práticas religiosas africanas das europeias. Contudo, pode-se afirmar que essa adaptação também representava uma forma de resistência por parte dos povos africanos, visando a preservação de suas culturas. Hall (2008) contribui para a compreensão de que, ao longo do tempo, as sociedades foram influenciadas em seus valores, conceitos e formas de convivência por diversas culturas.

No livro "Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo", Marina de Mello (2002, p. 316) destaca que, durante o período da escravidão, emergiram celebrações associadas aos santos padroeiros, especialmente vinculadas aos reis, que solidificou na identidade das comunidades negras. Segundo a autora, essas festividades eram organizadas dentro das irmandades, as quais não apenas atendiam às diversas necessidades dos grupos que as formavam, mas também eram utilizadas como instrumentos de controle pela sociedade senhorial.

Se tratando das expressões culturais que trouxeram as indagações a respeito desse trabalho, o Jongo e a congada, ambas carregam consigo aspectos da religiosidade. Enquanto o primeiro representa, à primeira vista, um tipo de dança de umbigada, o outro incorpora nitidamente uma aclamação e expressão teatral que retrata a cerimônia de coroação do monarca africano, frequentemente simbolizando o Rei do Congo. Ambos celebram a resistência cultural e espiritual dos africanos submetidos à escravidão no contexto histórico do Brasil colonial.

No Jongo contemporâneo, a espiritualidade ou religiosidade não se manifesta de maneira explícita ou evidente, embora possa ser vinculado a festas religiosas em algumas comunidades quilombolas. Ele incorpora nuances ou formas específicas de espiritualidade, mas comumente é associado, por observadores externos, a algum ritual ou expressão religiosa de origem africana.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

Essa associação pode ser intensificada pelas vestimentas dos praticantes do Jongo, pelos instrumentos que guardam semelhanças com os do Candomblé, ou pelos movimentos da dança em círculo. Na congada, os movimentos e passos presentes geralmente são influenciados pelas danças tradicionais africanas, e frequentemente realizadas em festividades religiosas, como as relacionadas a São Benedito, que é considerado o padroeiro dos negros. Além da indumentária incluir cores vibrantes, estampas étnicas, e peças que remetem à realeza ou figuras importantes nas culturas africanas.

O Jongo destacava-se como meio de comunicação entre os escravizados, dada a restrição de suas interações devido à falta de liberdade. Ao se reunirem em círculo, proporcionavam a cada participante a oportunidade de expressar-se por meio de canções, transmitindo mensagens e desejos. O canto, acompanhado pelos tambores, tornava-se uma ferramenta essencial para atenuar as dificuldades da vida cotidiana, criando certo ambiente de celebração e comunhão. Os pontos, transmitidos por letras codificadas ou metafóricas, não apenas serviam para comunicar, mas também para marcar o ritmo da dança e das batidas dos tambores.

De Melo (2020) examinou o “Tambor” no Quilombo Machadinha, e destaca o local no Jongo nesse contexto. Entrevistado pelo autor, Júlio, nome fictício para um dos pesquisadores que esteve na comunidade e íntimo de alguns moradores, expressou que tudo relacionado à questão da negritude, especialmente envolvendo som, dança e aspectos próximos à religiosidade, o impactava profundamente. Ele destacou que, para certos grupos espiritualistas, esses elementos são interligados, sendo a separação feita por aqueles que estão externos a essa compreensão. Júlio enfatizou a conexão intrínseca entre o som, a dança e a prática religiosa, destacando a presença da linhagem espiritualista na manifestação cultural em questão, o jongo. Assim, ao observar o jongo, Júlio percebeu uma fusão significativa, conferindo um sentido mais amplo à prática, que ultrapassava a esfera cultural festiva e profana (De Melo, 2020, p. 20).

O desafio reside em compreender como ele é percebido por aqueles que estão externos à prática, bem como o seu verdadeiro significado e representação

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

para os que praticavam e ressaltavam seus ancestrais. Para a cosmovisão do africano tudo é espiritual, desde o momento em que levanta e faz suas ações rotineiras, até o momento em que louva seus orixás dentro de uma abordagem religiosa direta. O entendimento é complexo, o Jongo não se limita a um fundamento, mas é um espiral infinito. Assim, o círculo que representa os baseamentos e tudo o que eles simbolizam historicamente para os povos. Em sua proposta na resistência escravista pode ser considerado uma organização social que contrasta com a abordagem ocidental, em que os valores africanos eram mais límpidos.

Abreu (2015) nota que as canções escravas e seu legado musical, em diversas regiões da diáspora, constituem um caminho fundamental de luta contra a opressão e a dominação raciais, visando a inclusão social e o exercício da cidadania no pós-abolição. O Jongo passou por renovações ao longo do século XX e adquiriu o título de patrimônio cultural do Brasil em 2005, mantendo-se uma prática presente no século XXI.

Na congada, percebe-se o envolvimento mais político de celebração conjunta, marcado por uma representação social e política portuguesa. Pereira (2021, p. 34) entende que o catolicismo, “em sua expressão popular, tornou-se uma representação da ‘memória viva’ da evangelização do país ao longo da trajetória histórica no processo de cristianização dos indígenas e africanos no Brasil”. A organização social, cultural e política portuguesa passou a ser associada ao progresso e à cultura para os brasileiros. Nesse contexto, as Congadas representam o simbolismo da catequização portuguesa, mesmo antes de chegar ao solo brasileiro, esse imaginário parece atrair as pessoas nas celebrações e espetáculos públicos.

Lemos (2006, p. 52) destaca que:

A Região Centro-Oeste é um espaço em que a ocupação definitiva por grupos não indígenas se deu em tempos relativamente recentes. Como em outras regiões do país, devido a interação cultural e religiosa dos que chegaram com as da população já residente no local, gerou-se um campo religioso marcado por aqueles elementos denominados por diversos pesquisadores como uma “matriz religiosa brasileira”.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

A autora explica que o Centro-Oeste, por ser uma região recentemente povoada pelos povos não originários, assim como em outras regiões, as tradições acabam sendo “acentuadas” pela modernidade, onde não há nenhuma tradição de fato, mas o aglomerado de tradições socialmente “aceitas”. Sugere que novas tradições são inventadas em situações em que ocorrem transformações significativas e rápidas. Esse evento não se limita à região e nem à Goiás, na região Sudeste, onde o Jongo está profundamente enraizado; sua recepção na sociedade não foi passiva, mantendo-se como um ato de resistência até os dias atuais.

Podemos observar essas características através de Eric Hobsbawm (1997), que explica que as sociedades que surgiram após a Revolução Industrial foram compelidas a criar, estabelecer e desenvolver novas redes, convenções e rotinas com maior frequência do que anteriormente. Isso ocorreu porque essas rotinas funcionavam de maneira mais eficaz quando se transformavam em hábitos, procedimentos automáticos ou até mesmo reflexos, exigindo uma certa imutabilidade. Hobsbawm destaca que houve adaptação quando necessário para preservar antigas tradições em novas condições ou usar modelos antigos para novos propósitos.

Com base nessas informações, torna-se compreensível que as duas manifestações, embora originadas do mesmo tronco banto, são reposicionadas por meio de discursos na modernidade e adaptadas aos contextos necessários. Em Goiás, a prática do Jongo é de ocorrência mais recente, e os grupos que praticam frequentemente enfrentam a falta de interesse, sendo sua reputação muitas vezes associada pejorativamente a práticas ligadas à religião do Candomblé ou da Umbanda.

### 3. Considerações finais

Goiás, enquanto representante da modernidade em muitos aspectos religiosos e culturais, apresenta tradições específicas. A região, sendo

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

colonizada relativamente recentemente, mescla os costumes em meio à modernização, onde novas tradições são inventadas em situações de transformações significativas e rápidas. Este dinamismo cultural confere a Goiás uma singularidade na preservação e adaptação de suas práticas culturais ao longo do tempo.

Ressalta-se a predominância da congada em Goiás em relação ao jongo, devido à influência da herança cultural das Irmandades Católicas na região durante o século XIX. As celebrações representam o desejo dos escravizados por liberdade, e, em sua dinâmica, era uma forma de integração na sociedade durante o período da escravidão. O reisado, a congada e outras manifestações festivas negras foram forma de exercer a adaptação e renovação de valores culturais em Goiás, constituindo o esforço para preservar suas tradições ao integrar elementos característicos de diversas etnias. As reintegrações dessas também se apresentam como forma resistência e resiliência à escravidão, onde as congadas em Goiás retomam essa história.

### Referências

ABREU, Martha. **O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição.** Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 35, nº 69, p.177- 204, 2015.

DA SILVEIRA, Renato. **Nação africana no Brasil escravista: problemas teóricos e metodológicos.** Afro-Ásia, n. 38, p. 245-301, 2008.

DE MELLO, Marina et al. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo.** Editora UFMG, 2002.

DE MELO, Ricardo Moreno. **O tambor e suas mediações cosmológicas: de pura materialidade à morada dos espíritos.** Revista Hawò, v. 1, 2020.

FOUSHEY, Catherine Cymone; GONZALES, Rhonda M.; SAIDI, Christine. **África Bantu: de 3500 ac até o presente.** Petrópolis: Editora Vozes, 2019. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/202022/epub/0?code=3mr2qbdfaJeX6Zc1I9VQcIF1FMfPsAC5S249QN2/GCzXB87hI602sYy2ybLWwXOCr/clr1J98DBCNXuSkEZOYw==> Acesso em: 25 de nov de 2023.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

GONÇALVES, Darly; RIBEIRO, Orquídea Moreira. **O Jongo no Brasil**: herança cultural do Reino do Congo. In: NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal, LANGA, David Alberto Seth, TIMBANE, Alexandre António (Org). Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais. Belém: Home, 2022.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In. SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Editora Paz e Terra, 6° ed, 1997.

LEMONS, Carolina Teles. **Religião no Centro-Oeste**: entre a tradição e a modernidade. Sociedade e Cultura, vol. 9, núm. 1, janeiro-junho, 2006, pp. 51-54. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 4a Edição Revisada e Ampliada. Belo, Horizonte: Autêntica, 2021. E-book. Disponível em: [https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559280407/epubcfi/6/8\[%3Bvnd.vst.idref%3DSection0003.xhtml\]!/4\[MIOLO\\_Bantos\\_4ed\\_FINAL\\_Waldeni\\_a\\_2942021\]/2/2](https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559280407/epubcfi/6/8[%3Bvnd.vst.idref%3DSection0003.xhtml]!/4[MIOLO_Bantos_4ed_FINAL_Waldeni_a_2942021]/2/2) Acesso em: 25 de nov de 2023.

PEREIRA, Northon Chapadense et al. **A congada**: o reino do Kôngo, religiões e africanidades. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/4639/2/Northon%20Chapadense%20Pereira.pdf> Acesso em 24 de nov de 2023.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Marina de Mello. **Catolização e poder no tempo do tráfico**: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. Revista Tempos, n. 6, 1998.